

RECRIANDO ARTE: VERSÕES DE A NOITE ESTRELADA NO CIBERESPAÇO

Cíntia Nani Araújo Cruz¹

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de analisar o atual cenário de fusão entre arte e tecnologia, com foco na presença de recriações da obra A Noite Estrelada (1889), do pintor Vincent Van Gogh, em dispositivos tecnológicos. Primeiramente, é apresentada uma breve bibliografia do artista, dividida em fases, visando a realização de um estudo sobre a obra em questão, com a finalidade de entendê-la, verificar sua relevância, os elementos que a compõem e o motivo de tamanha notoriedade. Em seguida, são demonstradas as relações entre arte e tecnologia, reconhecendo a utilização do ciberespaço como plataforma para produções artísticas. Duas recriações tecnológicas de Noite Estrelada são analisadas: a primeira, interativa e em constante movimento, feita pelo artista grego Petros Vrellis e a outra, uma montagem a partir de fotos tiradas do espaço, por Alex Harrison Parker. Diante desse contexto, pode-se perceber que o uso dos dispositivos tecnológicos no setor criativo levou à recriação de forma inovadora, de uma obra-prima extremamente conhecida e respeitada. No século XXI, a arte da cibercultura permite que o artista deixe de ser um autor solitário, a partir do momento em que existe a possibilidade da sua interação com elementos da ciência e da tecnologia. É arte na ponta dos dedos e a arte que circula em satélites que conversam no céu. Conclui-se, portanto, que uma vasta opção de novas formas de arte é cada vez mais frequente no ciberespaço, tornando-se tendência a constante atualização de ferramentas e interações entre o ser humano e as novas tecnologias.

Palavras-chave: Arte, A Noite Estrelada, Ciberespaço, Tecnologia, Van Gogh.

RECREATING ART: STARRY NIGHT VERSIONS IN THE CYBERSPACE

Abstract

This study aims to analyze the current scenario of fusion between art and technology with a focus on presence of recreations of the work The Starry Night (1889), of the painter Vincent Van Gogh, in technological devices. First, is presented a brief bibliography of the artist, divided into phases in order to conduct a study about the work in question, with the purpose of understand it, verify its relevance, the elements that compose it and the subject of such notoriety. Then, demonstrated the relations between art and technology, recognizing the use of cyberspace as a platform for artistic productions. Two technological recreations of Starry Night are analyzed: the first, interactive and in constant movement, created by the Greek artist Petros Vrellis and the other, a montage of photos taken from space, by Alex Harrison Parker. Given this context, it can be noticed that the use of technological devices in the creative sector has led to the innovative way of recreating a masterpiece extremely well known

¹ Graduanda em Comunicação Social na Universidade de Brasília. Brasília-DF. Pesquisa em Estética, Tecnologia e Artes. Email: cintia_nanii@hotmail.com

and respected. In the XXI century, the art of cyberculture allows the artist no longer be a single author, starting from the moment that there is the possibility of interaction with elements of science and technology. It's art at your fingertips and the art that circulates satellites that converse in the sky. It is concluded, therefore, that a wide choice of new forms of art is becoming increasingly common in cyberspace, making it tendency to constant updating of tools and interactions between human and new technologies.

Keywords: Art, *Starry Night*, Cyberspace, Technology, Van Gogh.

Van Gogh de fases

Vincent Van Gogh (1853-1890) foi um pintor pós-impressionista² de grande importância e influência na história da arte mundial, inspirando os mais conhecidos movimentos artísticos do século XIX. Das obras produzidas durante sua carreira artística, 860 pinturas e, aproximadamente, 1200 obras sobre papel foram preservadas. A maior coleção de pinturas do artista está localizada no Museu Van Gogh, inaugurado em 1973 em Amsterdam (Países Baixos).

Durante toda a vida Van Gogh teve uma relação estreita com o irmão Theodorus (Theo), com quem trocou cartas que, atualmente, são preservadas em museus, servindo como fontes importantes para o conhecimento sobre vida e obra do artista. De acordo com o tradutor brasileiro Pierre Ruprecht,

[...] de março a dezembro de 1888 – constrói uma obra artística prodigiosa, e um verdadeiro testamento literário: pois, mesmo sem escrever bem, Van Gogh impregna suas cartas de tamanho vigor e energia que elas terminam por tornar-se um documento tão admirável como os diários de Kafka ou Dostoievski (2001, p. 13).

A vida artística de Van Gogh pode ser dividida em períodos: 1) **1880-1885**: o artista entra em contato com o universo artístico, inicialmente ao trabalhar na maior galeria de arte da Europa da época, a *Casa Goupil*, e após ter aulas de pintura com Anton Mauve, em Haia. Em 1885, produz sua primeira obra-prima – “Os Comedores de Batata” (do holandês, *Aardappeleters*); 2) **1886-1888**: em Paris, começa a trabalhar ao ar livre, torna-se amigo de artistas contemporâneos, como Paul Gauguin, Emile Bernard, Camille Pissarro e John Russell. Os elementos luz e cor tornam-se seu foco. Nesse período, pintou cerca de vinte autorretratos, fazendo experimentos com variações de cor e estilo; 3) **1888-1889**: em Arles (França), funda a *Casa Amarela*,

² O termo pós-impressionismo surgiu em 1910, quando Roger Fry, curador especializado na compra de arte renascentista do *Metropolitan Museum* de Nova York, nos Estados Unidos, reuniu sem aviso prévio uma seleção impressionante de arte francesa. Segundo Fry, o termo designa a geração de artistas que enfatizaram e exploraram conscientemente os elementos formais próprios da pintura (os elementos decorativos da cor, linha e composição) como recursos para veicular ou expressar emoções. São artistas pós-impressionistas: Gauguin, Cezàne, Van Gogh, Toulouse Lautrec e Seurat. Atualmente, o termo designa a expressão artística subsequente ao movimento Impressionista. (THOMSON, 2001, p.6)

atelier compartilhado com Gauguin, e expande os temas e técnicas do seu trabalho pintando naturezas-mortas. Em um episódio psicótico, Van Gogh cortou um pedaço de sua orelha esquerda e foi internado no hospital de Arles. Ainda no mesmo ano, foi internado no asilo de Saint-Rémy; e 4) **1889-1890**: em Saint-Remy (França), produz cerca de 150 pinturas que despertam diferentes sensações devido aos contrastes e o uso da cor. Após deixar o asilo, devido à grande angústia, Van Gogh dá um tiro no peito e morre após dois dias.

Estrelando noites

Noite Estrelada (do holandês, *De Sterrennacht*) é uma das obras mais conhecidas de Van Gogh, feita durante o período em Saint-Rémy (1889-1890). Diferente da maioria das obras do artista, essa não foi pintada ao ar livre, o que gerou críticas e análises diversas sobre a pintura. Para o historiador de arte John Rewald (1912-1994), Vincent “se afastou da observação direta da natureza [deixando sua imaginação inventar formas e cores para criar um clima específico]” (1982, p. 274-275 apud FRAYZE-PEREIRA, 2005, p. 236).

Já uma interpretação oposta pode ser vista em estudo minucioso de Albert Boime (1933-2008), professor de História de Arte na Universidade da Califórnia, que pesquisou os conteúdos literários de Van Gogh com o objetivo de encontrar as fontes do pensamento do artista no contexto em que a obra foi feita. Boime verificou influência da astronomia e após reconstituição em laboratório do céu, de acordo com a data e o local em que *Noite Estrelada* foi feita, foi comprovado a representação realista da natureza. O psicanalista Frayzer-Pereira, “Noite Estrelada” e a pintura/viagem estelar, concluiu que “o indivíduo poderia pensar sua própria vida desenvolvendo-se renovadamente através das grandes extensões do infinito” (2005, p. 240).

A crescente popularidade de *Noite Estrelada* (Figura 1) se dá, também, devido a diversos aspectos que intrigam e geram diferentes sensações aos espectadores da obra. Em análise dos elementos visuais, nota-se que o céu estrelado e a lua crescente brilhante, embora sejam evidenciados de forma exagerada, geram uma sensação de conforto e calma. As linhas curvas guiam o olhar de forma fluídica, traçando um caminho de leitura tranquilo. Por retratar uma pequena cidade no meio da noite, com tons escuros, a imaginação em relação ao desconhecido é estimulada. A torre da igreja que marca o centro da cidade, possui tamanho desproporcional aos demais edifícios, que encontram-se em escala menor. Essa torre acaba com o senso de estabilidade, criando uma sensação de isolamento e fazendo o espectador se sentir pequeno e irrelevante frente a esse cenário. Esse sentido é enfatizado ainda mais pela estrutura maciça de tom escuro no lado esquerdo da pintura. No entanto, a sensação não é negativa, de humilhação, e sim de observação da grandiosidade do universo. As linhas curvas espelham o céu e trazem a sensação de profundidade e movimento na pintura.



Figura 1- *Noite Estrelada* (1889). Vincent Van Gogh. Óleo sobre tela (73x 92 cm).
Museum of Modern Art, New York.

A presença das onze estrelas na pintura pode ser justificada pelo período em que Van Gogh dedicou-se à evangelização dos pobres. Uma passagem da Bíblia ilustra um cenário semelhante ao pintado por Vincent: “E teve José outro sonho, e o contou a seus irmãos, e disse: Eis que tive ainda outro sonho; e eis que o sol, e a lua, e onze estrelas se inclinavam a mim” (Gênesis 37:9)³.

No entanto, os únicos registros que de fato expressam a opinião do artista em relação à *Noite Estrelada* são os encontrados brevemente em cartas que Vincent escreveu para seu irmão Theo.

Os pintores, para falar só deles, estando mortos e enterrados, falam à geração seguinte ou a várias gerações seguintes por suas obras. Isto é tudo, ou há ainda algo mais? Na vida de um pintor, talvez a morte não seja o mais difícil. Eu confesso não saber nada a respeito, mas a visão das estrelas sempre me faz sonhar, tão simplesmente quanto me fazem sonhar os pontos negros representando cidades e aldeias num mapa geográfico. E eu me pergunto por que os pontos luminosos do firmamento nos seriam menos acessíveis que os pontos negros do mapa da França? Se tomarmos o trem para ir a Tarascon ou a Rouen, tomamos a morte para ir a uma estrela. O que certamente é verdadeiro neste raciocínio é que estando na vida nós não podemos ir a uma estrela, assim como estando mortos não podemos tomar o trem. Enfim, não me parece impossível que a cólera, as pedras, a tísica, o câncer, sejam meios de locomoção celeste, assim como os barcos a vapor, os ônibus e a estrada de ferro são meios terrestres. (Carta 596)

³ Bíblia Cristã, Velho Testamento.

Em resposta, Theo afirma:

Acabo de ler o *Ano Terrível* de Victor Hugo. Nele há esperança, mas esta esperança está nas estrelas. Acho isto verdadeiro e bem dito e belo, aliás, acredito nisto de bom grado. Mas não esqueçamos que a Terra é um planeta [...] um globo celeste. E se todas essas outras estrelas fosses iguais! Não seria muito divertido, enfim tudo estaria por recomeçar. Ora, para a arte, precisamos de tempo, não seria nada mau viver mais de uma vida. E não deixa de ter seus encantos acreditar nos gregos, nos velhos mestres holandeses e japoneses continuando sua escola em outros globos (Carta 511)

Apesar da citação ter como tema principal uma reflexão sobre as estrelas, não é feita uma relação direta com a obra e, portanto, não é possível afirmar quais eram as reais intenções do autor ao produzi-la. Van Gogh expressa que as estrelas o fazem sonhar, pois acredita que a locomoção às estrelas, após a morte, provavelmente é tão acessível quanto a locomoção a outro país, durante a vida. Em outras palavras, Theo cita as estrelas como fonte de esperança e, em complemento, diz que há a possibilidade de que, após a morte, tenhamos que recomeçar uma nova vida. Dessa forma, a afirmação de Boime é fortalecida, pois Vincent certamente expôs na pintura em questão seus questionamentos relacionados à vida e às extensões do universo.

Compreendendo estrelas, ampliando mundos

Por falar em “extensões do universo”, nada melhor do que o momento tecnológico no qual vivemos. Momento no qual os meios de comunicação são extensões do homem e conseqüentemente, das artes humanas. Arte e tecnologia em hibridismo para, ao mesmo tempo, compreender estrelas e ampliar a vastidão do conhecimento, tanto em mundos estrelados pintados por Van Gogh, quanto em mundos invisíveis criados no ciberespaço. “O mundo visível já não é mais uma realidade e o mundo invisível já não é mais um sonho” (YEATS apud MCLUHAN, 2005, p. 53).

O conhecimento expandido ilimitadamente aos dispositivos tecnológicos é um fato cultural pós-moderno irreversível, que resulta no acesso e interatividade globais. A tecnologia, que antes era considerada uma extensão do indivíduo, agora é a própria virtualização do homem. Em outras palavras, no ciberespaço⁴ os limites entre o humano e o não-humano são indiscerníveis, gerando uma reinterpretação do que é o real. Essa extensão da noção de realidade pode ser vista como uma humanização das tecnologias e, conseqüentemente, resulta no surgimento de novas formas de relações entre tecnologias e o corpo, a imaginação, o tempo e a sociedade. “Assiste-se assim à criação de uma cultura telemática multidirecional, de conectividade global de pessoas

⁴ Em conceito de Piérre Levy, define-se o ciberespaço como o meio de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores. (LÉVY, 2003, p.49)

e lugares cuja forma mais conhecida se encontra na Internet, [...]”(SANTAELLA, 1997, p. 42).

Recentemente é possível identificar a utilização de dispositivos digitais como base para produções artísticas. Assim, o computador e outros meios eletrônicos já são vistos como dispositivos artísticos, perdendo a função exclusivamente de uma ferramenta. Uma das grandes vantagens possibilitadas por essas tecnologias é a interatividade, ponto muito explorado na relação com a arte. Segundo Ana Claudia Mei, “[...]as manifestações artísticas, por natureza, têm um teor transformador das coisas existentes” (1997, p. 217). Em outras palavras, entre os diversos papéis das produções artísticas está a constante busca por inovação, tornando-se objeto essencial da construção cultural de uma sociedade e provocador primordial de tendências globais. McLuhan propõe que a arte tem o poder de antecipar o futuro social e os desenvolvimentos tecnológicos. Sabendo que as tecnologias representam uma considerável parcela do cotidiano contemporâneo, infere-se que, cada vez mais, é impossível desassociar o caráter revolucionário da arte e o contínuo aperfeiçoamento dos meios tecnológicos.

A codependência imediata entre o aperfeiçoamento do ciberespaço e o desenvolvimento planetário, e a confluência indissociável das realidades física e virtual, conduz o homem a uma nova forma de pensar e criar. Pierre Lévy discorre que, com a revolução contemporânea das comunicações, “o trabalho humano tende a deslocar-se cada vez mais para o ‘inautomatizável’, ou seja, a criatividade, a iniciativa, a coordenação e a relação” (2003, p. 186).

Recriações de *Noite Estrelada* no ciberespaço

Pela grande popularidade e misticismo da obra, *Noite Estrelada* tem sido usada em várias plataformas tecnológicas na atualidade. É tema de poesias, músicas, recriações artísticas e jogos interativos. Além do objetivo artístico, a recriação da obra associada aos dispositivos tecnológicos também possui fins de entretenimento. Dentre o vasto número de recriações, foram selecionadas duas para exemplificar a situação mencionada, as quais serão brevemente analisadas.

O artista grego Petros Vrellis recriou *Noite Estrelada* para que ficasse em constante movimento, podendo ser alterada com o toque do espectador. Para produção, Petros utilizou a multiplataforma *openFrameworks*, direcionada especificamente para artistas, designers e programadores. Tal ferramenta é focada em criações audiovisuais, fornecendo uma interface simples e padronizada para manipular vários tipos de mídia. São aproximadamente oitenta mil partículas que movem-se constantemente de forma fluída e a API (*Application Programming Interface*) utilizada é a *OpenGL (Open Graphics Library)*, que reúne funções específicas disponibilizadas para a criação e desenvolvimento de aplicativos em determinadas linguagens de programação.

Em entrevista⁵, Vrellis (Figura 2) escreveu brevemente sobre o processo de criação usando tecnologia e *Noite Estrelada*. Sobre o motivo da escolha da obra de Van Gogh, Vrellis responde que todo conceito surgiu repentinamente, em setembro de 2011. Seria feita uma recriação de *Noite Estrelada* de forma animada e interativa. Segundo o artista grego, não foi feita nenhuma pesquisa anterior e nem foi cogitada a escolha de outras pinturas. Quanto ao contato com a plataforma tecnológica utilizada, Petros diz que nos últimos anos estava trabalhando com instalações interativas e que já havia feito algumas experiências de simulação, mas nunca havia usado em algum trabalho próprio.



Figura 2– Animação interativa *Starry Night*. Petro Vrellis.
Fonte: <http://www.updateordie.com/?s=van+gogh+interativo>

Durante o processo, o artista pontuou que se surpreendeu ao descobrir que os fluxos da pintura são consistentes e que não há conflitos nas direções das pinceladas. Dentre as muitas dificuldades, Petros afirma que demorou mais de seis meses para terminá-lo. Não foi apenas uma tarefa de programação, mas também um processo de calibração em que havia a preocupação de obter o resultado mais similar possível ao da obra Van Goghiana. No entanto, o processo careceu de muita paciência, fazendo Petros chegar muito perto de desistir.

O criador da versão animada de *Noite Estrelada* declarou que, em relação às sensações esperadas a partir da interação, geralmente a experiência do receptor não está ligada às mesmas intenções de Van Gogh. No caso da versão interativa, inicialmente queria apenas visualizar o fluxo que existe na obra original, pois a sensação de movimento sempre foi algo intrigante. A interação foi adicionada para aumentar o sentimento de vivacidade e dinamicidade. Petros afirmou que o fator decisivo para a grande notoriedade de sua criação, em vários países, foi o potencial das “novas mídias”. Petros afirma que recebeu muitos *feedbacks* positivos, com

⁵ Entrevista exclusiva, realizada virtualmente no dia onze de julho de 2013.

diversas declarações de pessoas que ficaram profundamente comovidas. No entanto, diz que todo seu sentimento em relação trabalho reside, de fato, na pintura original.

A principal repercussão relatada foi o reconhecimento atual da animação como um exemplo de arte bem sucedida das “novas mídias”. O vídeo de demonstração do processo de interação tornou-se viral, com mais de dois milhões de visualizações em poucos meses. Petros acredita que a arte e a tecnologia sempre estiveram conectadas e, à medida que a tecnologia evolui, novas formas de expressão, que antes eram impensáveis, tornam-se possíveis. Para Petros, sempre que trabalhar com mídia virtual, irá procurar se focar em um conteúdo relevante. Caso contrário, pela grande rotatividade nesse meio, o trabalho acaba deteriorando-se muito rápido no tempo. Algo que Walter Benjamin já afirmava em suas “Teses de Filosofia da História”, na qual “cada imagem do passado que não é reconhecida pelo presente como uma de suas próprias referências ameaça desaparecer irremediavelmente” (1939 apud OLIVEIRA, 1997 p. 216).

Dessa forma, infere-se que nessa recriação de *Noite Estrelada*, o que mais se destaca na convergência entre a arte e a tecnologia é a relação sensorial entre o homem em interface com o computador. A interatividade, ou seja, a fusão do sujeito com a obra possibilita o uso de alguns sentidos que destacam a ideia de inseparabilidade das realidades *off-line* e virtual. Nesse caso, devido à utilização do tato, da audição e da visão, o ser humano ao entrar em contato com a obra, passa de observador a imerso, fazendo parte indispensável da produção/criação.

Em outra versão da *Noite Estrelada* para os dias atuais, criada por Alex Harrison Parker, a obra de Van Gogh foi recriada com fotos tiradas do espaço (Figura 3). Hoje, Parker é um pesquisador de pós-doutorado no Centro Harvard-Smithsonian de Astrofísica, em Cambridge. Seus temas de pesquisa giram em torno da formação e evolução de sistemas planetários.

Para produção de sua versão de *Noite Estrelada*, Parker utilizou um software de mosaicos e selecionou cem fotos capturadas pelo Telescópio Hubble durante os últimos vinte anos. Segundo entrevista realizada pelo *Discovery News*, Alex teve essa ideia no vigésimo segundo aniversário do Telescópio *Hubble*.



Figura 3– *Noite Estrelada* recriada com imagens do Telescópio Espacial *Hubble*

Fonte: <http://www.neatorama.com/2012/09/27/Van-Goghs-iStarry-Nighti-Recreated-with-Images-from-the-Hubble-Space-Telescope/>

Novamente, percebe-se o uso dos dispositivos tecnológicos no setor criativo, utilizando-se como referência uma obra-prima extremamente conhecida e respeitada que, de forma inovadora, foi recriada. Conclui-se, portanto, que uma vasta opção de novas formas de arte é cada vez mais frequente no ciberespaço, tornando-se tendência a constante atualização de ferramentas e interações entre o ser humano e as novas tecnologias. Que arte é esta da cibercultura? A arte na ponta dos dedos e a arte que circula em satélites que conversam no céu. Esta é arte do século XXI! O artista deixa de ser autor solitário (como Van Gogh) para estreitar laços com cientistas e técnicos em informática (como Vrellis e Parker). “As interfaces possibilitam a circulação das informações que podem ser trocadas, negociadas, fazendo que a arte deixe de ser um produto de mera expressão do artista para se constituir num evento comunicacional” (DOMINGUES, 1997, p. 20).

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. Das Américas, 2000.

DOMINGUES, Diana. A humanização das tecnologias pela arte. In: DOMINGUES, Diana (Org.). **A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

FRAYZE-PEREIRA, João A. **Arte, dor: inquietudes entre estética e psicanálise**. Cotia-São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

GODOY, Luciana Bertini. **Uma carta: um espaço entre dois**. Ide (São Paulo), 2010, vol.33, n.50, p. 36-53. ISSN 0101-3106. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062010000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 20 mai. 2013.

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado (Org.). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2003.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2005.

OLIVEIRA, Ana Claudia Mei Alves de. Arte e tecnologia, uma nova relação?. In: DOMINGUES, Diana (Org.). **A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

THOMSON, Belinda. **Movimentos da Arte Moderna: Pós-impressionismo**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

SALZEDAS, Nelyse Aparecida Melro (Org). **Uma Leitura Do Ver: do visível ao legível**. São Paulo: Arte & Ciência Villipress, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. O homem e as máquinas. In: DOMINGUES, Diana (Org.). **A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

VAN GOGH, Vincent. **Cartas a Theo – Antologia**. Tradução de Pierre Ruprecht. Porto Alegre: L&PM, 1999.

SITES VISITADOS:

Museus:

<http://www.vangoghmuseum.nl/>

<http://www.moma.org/explore/multimedia/audios/51/1004>

Versões da pintura “Noite estrelada”:

<http://www.updateordie.com/?s=van+gogh+interativo>

<http://www.brainstorm9.com.br/31923/fotografia/a-noite-estrelada-e-recriada-com-imagens-feitas-pelo-telescopio-hubble/>

Cartas:

<http://www.vangoghletters.org/vg/>